

# Jornal

If it walks like a duck and it talks like a duck it's a duck\*

Caldas da Rainha, 2024

Distribuição Gratuita

Edição #7

## EDITORIAL

Este é um texto possível para editorial. Ao gentil convite, só poderia oferecer salvas e perspectivas interiores de quem anda junto, sempre de candeias hirtas, em busca de um certo santo graal editorial, passível de implodir por dentro e em volta. Do enfermiço ao salubre, em todos os estados esta edição manifesta-se.

Na Ana, no Zé, no Luís e no André, 100.000 anos de comichão destas coisas do que se pode publicar, editar, desenhar ou falar. Já nada é sagrado, mas ficar incrédulo sempre foi um bom motor de busca.

A auto edição não é uma escola, é a nossa escola pessoal. É uma xícara de chá quente, de onde se beberica amiúde e de onde se pode tomar banho, e onde por vezes a louça parte.

É uma repartição onde se pode emitir documentos sem destinatário, sem formato padrão, sem ramagem máxima, a nosso bel prazer.

Sem que o patrão nos ralhe, sem trabalhadores, mas com colaboradores infindáveis, é um escritório onde podemos bater com a porta a qualquer hora, resmungar, falar alto e falar mal dos colegas - nós, neste caso.

É um caminho áspero que faz de nós caminhantes, pelo meio de nevoeiros e ruínas, de onde respingam acasos felizes, diabruras inconsequentes, sal em forma de papel: acto dessacralizado sem contrição, exploração solitária, rumo à intenção original.

Pleno controlo, como um espectro, com navegação à vista, num movimento contínuo de expansão, entre texto e imagem: nunca nenhum autómato reproduzirá este movimento.

Ricardo Castro



## “Queres pato ou coelho?”

Inácio Corre Corre\*

Suponhamos que nos deparamos pela primeira vez com a célebre ilusão aplicada por Jastrow. Por um instante vemos apenas o coelho. Após novo escrutínio, percebemos que também por ali anda um pato. Mais Wittgenstein, menos Maria Carrilho, foge-nos a crença na pura e doce univocidade das coisas e somos lançados num jogo diabólico, desenganados de plenitude.

*Duck Soup and Rabbit Tail*, Marx

Suponhamos que temos pela frente uma dúzia de folhas mal impressas, envolvidas numa capa com um desenho próximo dos *comics*, embora mais áspero e pontiagudo. É uma entre milhares de edições caseiras, usadas numa partilha cultural sem grande futuro. De resto, também não tem passado por aí além: de origens obscuras, medrou na para-literatura da para-literatura. Acabou por espalhar-se pela banda desenhada, pela música popular, pela política e por comunidades que vão escapando parcialmente aos cilindros do *mainstream*. É um fanzine, um coelho à solta nos túneis da cultura popular.

Esta é actividade essencialmente impertinente e insustentável, a do amator-presumido-artista que, ao discorrer a partir do que vê, ouve e lê, ou no contexto da fermentação de inquietações internas, decide verter para papel o que lhe vai nas almas e fígados. No contexto desta tarefa de bandalho, cuja pretensão ambígua roça a arrogância, agita-se, a sós ou com cúmplices, e provoca ondas de brusquidão que abalam as ruas do seu bairro. Aquilo que faz materializa-se em pasquins e opúsculos de alcance incerto e valor dúbio, mas isso pouco o incomoda: é urgente multiplicá-los e fazê-los circular, pois a febre é alta e os afamados minutos de fama não saem na farinha amparo. O público para estas irrelevâncias parece certo: os amigos e conhecidos, e pouco mais. A xerox é a única ferramenta ao seu alcance, logo endeusada. O passatempo burguês da auto-publicação toma contornos de missão sagrada contra o edifício granítico da cultura instituída.

E se for outra coisa? Suponhamos que temos cabedais e amor “pel’arte”. Suponhamos que o tal fanzine é afinal um exemplar autografado por um nome entretanto consagrado. Luvinha na mão, depositamo-lo cuidadosamente na vitrina, ao lado dos livros de artista que fomos arrumando, segundo uma criteriosa escolha de “paradigmas”, “marcos icónicos” e “obras seminais”. Alguns especialistas na matéria afiançam: o livro de artista anda como um coelho, parece um coelho mas canta como uma obra de arte. Coisa preciosíssima e milagrosa. Frio e jacente, o livro (somente livro) teria esperado séculos por um agente especial encantador, versado em exercícios críticos inovadores e desconstruções que desafiam consensos e possibilitam novas relações, novas liberdades, etc., etc. Por um triz, não levanta voo (como a célebre mesa cheia de sutilezas metafísicas). Felizmente, está trancado numa vitrina. Valorizou mil por cento e merece um lugar condigno (no museu ou num armazém fortificado, *tax free*).

Este momento em que o jargão da arte, todo lançado, esbarra no muro do *business as usual* é um alvo fácil de riso. Mais grotesca será a guerra santa, movida por avatares salazarentos, contra a arte contemporânea. Será preferível retomar o jogo diabólico. Esqueçamos por instantes a vitrina e pensemos num dos “seminais”: *Twentysix Gasoline Stations*. A viagem terá começado bem. Baixo custo; produção em série; modo de usar que dispensa a inefável *gestalt* da obra; *tuning* de humor e sobriedade, capaz de desenrolar uma paisagem artificial que nunca mais acaba num pequeno objecto sequencial. Afinal, talvez tenha desarrumado um pouco as estantes...

Na montanha de detritos que a Humanidade insiste em avolumar todos os dias, o pequeno objecto de papel de que falamos tem lugar incerto. Até à escala da estante lá de casa, tal coisa parece não ter lugar. Sem lombada, sem aprumo, sem capa dura, com partes amovíveis, prenhe de invenção, joga mal o jogo da arrumação perante os volumes encadernados da Taschen. Todavia, o insólito decide fazer aparição: os urros plasmados em tinta-da-china e tipografia recortada, filhos da tesão de quem quer gritar e fazer-se ouvir, chegam à atenção do crítico. A urgência do grito é substituída pela morosa vontade de expressar devaneios artísticos com a intenção de uma marcha. A xerox fica esquecida.

Pouco interessa o rosário de sementes que vai compondo a lição de história. Preferimos os humores intermitentes. Quase na curva para o século XX, por exemplo, Alfred Jarry e Remy de Gourmont vertiam em “L’Ymagier” gravuras sem distinção entre o erudito e o vernacular. Jarry aproveitou o mergulho: publicou edições de luxo com requintes bizantinos e folhetos de meio tostão. Nuns e noutros inventou formas e associações que não lembrariam ao diabo; experimentou com papéis coloridos e com formatos inusitados. Quis vender às massas o Perhinderion - uma das suas edições mais ruinosas -, em frente das igrejas, como as antigas gravuras populares. Seria um pato, ou um coelho? De um lado, a vanguarda; do outro, os santinhos e os monstros com sete pernas e vinte cabeças.

E porque não saltar mais um século e recordar os versos de Nicolau Tolentino que retratam o “underground” lisboeta do final do século XVIII (“Ali se ajunta bando de casquilhos, / a que o vulgo mordaz chama «rafados»)? Pontifica o poeta de “nojosa, empedrada cabeleira” que “abriu ao mundo aspérrima batalha”, pouco dado à leitura dos clássicos mas conhecedor dos entremeses que “...no Arsenal ao vago caminhante / Se vendem a cavalo num barbante”. Quem produz a literatura de cordel? Chamemos-lhe editor, por comodidade. Sabe ler e tem competência suficiente mas não se enquadra na cultura letrada legítima. É frequentemente o autor ou o colector de textos e de “gravuras de pau”. Se não for o impressor, há-de acompanhar a impressão de perto. Sai para a rua e dispõe os folhetos entreabertos, encostados ao tal barbante, numa pequena banca.

Baralhado e aturdido, o editor/publicante/pecante já não sabe que dizer dessa coisa a que outros chamaram edição independente: Os críticos elevaram o seu folheto à condição de jovem promessa capaz de redimir o mundo da arte por estar disposto a desfazer fronteiras e desmanchar categorias, e a fanzineoteca da Gulbenkian já fez encomenda de dois exemplares. Pior ainda, ei-lo convidado para uma palestra sobre as vantagens da risografia no combate ao antifeminismo primário e pago a peso de oiro para redigir um texto sobre o métier para um revista universitária.

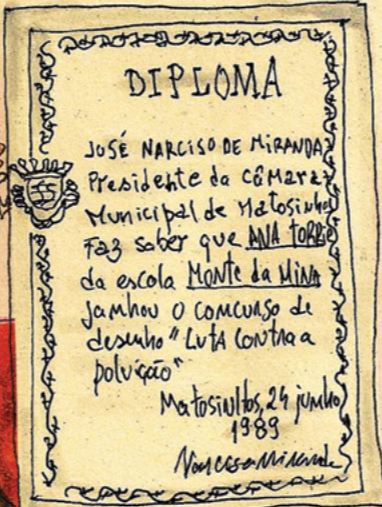


como entrei no

# TRÁFICO

das edições independentes

TUDO COMEÇOU EM 1989 APÓS GANHAR A MEDALHA DE OURO NO CONCURSO DE DESENHO "LUTA CONTRA A POLUIÇÃO"



O 1º LIVRO DE ARTISTA SURGE NUMA FORMAÇÃO DE AUTO-EDIÇÃO NA OFICINA DO CEGO, COM AULAS DE ENCADERNACÃO, IMPRESSÃO E TIPOGRAFIA. A PARTIR DE ENTÃO O LIVRO OCUPA NAS MINHAS OBRAS UM LUGAR PRIVILEGIADO POR DESAFIAR LIMITES CRONOLÓGICOS, SE PROLONGAR NO TEMPO E NO ESPAÇO. CRIO A MINHA OFICINA EM 2013 - ATELIER GUILHOTINA - CONVIDANDO OUTROS ARTISTAS A DESENVOLVER TRABALHO NA ÁREA DAS TÉCNICAS DE IMPRESSÃO E CRIANDO LIVROS DE AUTOR. NOS DIAS DE HOJE NO MEU ATELIER CONTINUO A DESENVOLVER PROJECTOS ARTÍSTICOS EM PARCEIRA COM A CASA DA IMAGEM



A m toral



É uma evidência: o texto paga umas amêijoas mas não oferece representação fidedigna da pequena edição "independente". Por sorte, há sempre uma voltinha retórica a dar: sob o risco de falhanço em toda linha, estas linhas servem de exemplo involuntário às contradições bicadas, aqui e ali. Livres e independentes, ninguém precisa de saber o que são ou o que querem dizer. Selo de *Imprimatur*, já! E siga para a próxima feira.

Nos pisos desta torre de Babel em que tantos se envolvem, a maioria por pulsão incontrollável, equivalente à que leva a pereira a dar pêras, outros por visão oportunista de um percurso artístico construído a partir das marginalidades visuais ou conceptuais, todos se cruzam. Partilham por vezes espaços e mercados, norteados por feiras e tertúlias, mas o seu arrazoado é mutuamente ininteligível. Uns permanecerão fiéis ao seu proverbial faz-tu-próprio, outro seguirão a sua senda e mais tarde dirão, na conferência de imprensa da sua enésima exposição nos sítios do costume; "o meu arranque foi marcado por uma desassomburada vertigem, numa explosão de delírios gráficos que auto-editei num momento de iluminada perturbação. Não o renego."

Com maior ou menor bazófia, quem insiste nestas práticas sabe que os fanzines, os livros de artista, os cartazes - ou outros afins - tiveram uma eficácia comunicacional que se deslocou para outros meios. Talvez se tenham transformado em objectos ritualistas. Talvez continuem a atestar uma vontade de resistir à enxurradas de produtos e serviços que nos vai roubando a capacidade de fazer o que quer que seja, por nós próprios.

Ninguém sabe o que significa, mas muitos continuam a hastear esta bandeira feita de teimosia e certeza absoluta de que se mantém como a mais nobre das formas de inquietação gráfica: contra os botas-de-elástico, contra a arte dominada pela decoração, contra o discurso que se diz contra-cultura, mas se embrenha no mundo das subvenções e estipêndios oficiais, contra a modorra e contra a tacahez. Contra a imobilidade. Desenhar, escrever, disseminar.

Antes disso do que a droga ou a selfie com o traje da praxe.

Inácio Corre Corre

*\* Inácio Corre Corre é o nome escolhido pelos organizadores da Raia Tráfico de Edições - um evento que reúne pequenos editores e impressores em Lisboa -, para divulgar a sua actividade. Colhe o nome de um homem real: António Inácio Vitória, conhecido na sua aldeia como "o Atleta" e "Corre Corre", pelas corridas diárias que fazia durante os anos em que se dedicou ao contrabando na zona raiana.*



# AMA COMO A ESTRADA COMEÇA

fct

Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



POLITÉCNICO  
DE LEIRIA  
ESCOLA SUPERIOR  
DE ARTES E DESIGN

LI  
DA

## FICHA TÉCNICA

Comissão editorial: **Ana Romana, Catarina Leitão, Isabel Baraona e Susana Gaudêncio.**

Editor: **Ricardo Castro**

Desenhos Pág.1: **Ricardo Castro**

Imagem Central: **Ana Torrie**

Imagem Pág.3 e Pág.6: **André Lemos**

Imagem Pág.8: "**Ama como a estrada começa**", a partir de um poema de Mário Cesariny. Autores: **Ana Sofia Costa, Beatriz Filipa David Ferreira, Francisco da Silva Martins, Joana Barroca, Joana Filipa dos Reis Pereira, Joana Rodrigues, Lara Pereira Prudêncio, Mafalda Pires, Manuel João Ferreira Bento, Margarida Carvalho Duarte, Maria Fátima Rosa Caroto, Maria Vicente da Costa;** *Impressão tipográfica das oficinas da Esad.Cr, Caldas da Rainha*

ISSN: **2184-884X**

Designer: **Nayara Siler a.k.a. Animal Sentimental**

Tiragem: 250 exemplares

Contacto: **jornal.itsaduck@gmail.com**

**<https://www.jornalitsaduck.pt>**

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Financiamento Base com a referência UIDB/05468/2020 e o identificador doi.org/10.54499/UIDB/05468/2020.

*\*Lawrence Weiner, Books do furnish a room: Lawrence Weiner on artists' books, 1989. In, Umbrella, volume 13, n. 1, 1990.*